

Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam
BB DTVM apresenta e patrocina

Patrimônio & Memória: Belo Horizonte

CONVITE À ATIVAÇÃO / DIGITAL / JANEIRO DE 2022

CCBB EDUCATIVO – ARTE & EDUCAÇÃO / JACA.CENTER



VISTA DA PRAÇA DA LIBERDADE COM CCBB E EDIFÍCIO NIEMEYER AO FUNDO / THAMIRES MARTINS

Centro Cultural Banco do Brasil

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) foi criado pelo Banco do Brasil com a intenção de fomentar a produção artística e o acesso à cultura e às artes. Possui unidades em quatro capitais do país: Rio de Janeiro (1989), Brasília (2000), São Paulo (2001) e Belo Horizonte (2013).

O Banco do Brasil incentiva e patrocina projetos nas áreas de artes visuais, dança, cinema, teatro, música e ideias. Os eventos são gratuitos ou a preços populares, para que o maior número de pessoas tenha a oportunidade de viver uma experiência cultural de qualidade.

Programa CCBB Educativo – Arte & Educação

Também fazem parte da programação gratuita do Centro Cultural Banco do Brasil as atividades do CCBB Educativo. Elas dialogam com a programação do CCBB e destinam-se a todos os públicos, com ações inclusivas e afirmativas para estreitar as relações com a comunidade escolar, os educadores, as pessoas com deficiência, as famílias, as organizações não governamentais, os movimentos sociais, os profissionais dos campos da arte, cultura e os interessados.

Patrimônio & Memória

Nesta série de convites à ativação, você encontra pesquisas desenvolvidas pelo Programa CCBB Educativo sobre múltiplos conteúdos relacionados à memória e ao patrimônio cultural de cada uma das unidades do CCBB, considerando as suas relações com as cidades em que estão localizadas.

Saiba mais sobre o projeto:

patrimonioememoria.ccbbeducativo.com



O CCBB em Belo Horizonte

Quantas idades cabem em uma cidade?

Vivem em Belo Horizonte cerca de 2,722 milhões de habitantes humanos vivos, alguns fantasmas, centenas de capivaras e até mesmo alguns jacarés. Fundada em 1897, ela é considerada uma cidade jovem, já que a idade das cidades, assim como a dos cachorros, é contada de um jeito diferente. Mas Belo Horizonte é também uma cidade cheia de antigamente.

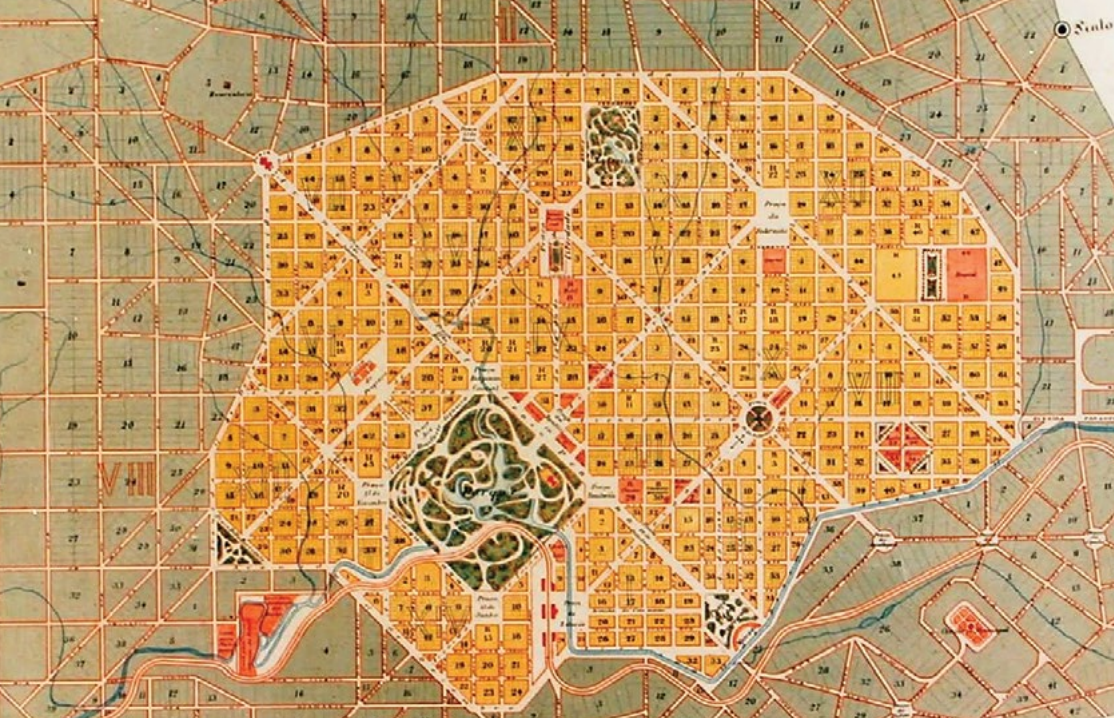
Carinhosamente chamada de Belô ou Beagá, a capital do estado de Minas Gerais abriga praças onde velinhos jogam damas, igrejas com torres e igrejas sem torres, estátuas de escritores e de anjos fazendo pipi, edifícios futuristas com muitos andares e casas onde vovozinhas preparam o pão de queijo mundialmente conhecido.

Depois de sua fundação, a cidade de Belo Horizonte passou por grandes transformações, reunindo em sua atual paisagem elementos de diferentes momentos da história.

Você já imaginou como era a cidade no passado?

Já experimentou conversar sobre isso com pessoas que vivem aqui há muito tempo?

Como será Belo Horizonte daqui a 100 anos?



PLANTA GERAL DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 1895 / DOMÍNIO PÚBLICO



ESCADARIA PRINCIPAL DO CCBB BELO HORIZONTE / VAGNER COSTA



PRAÇA DA LIBERDADE, 1915 / ACERVO DO MHAB / FMC BH



DETALHE DE LUMINÁRIA / VAGNER COSTA

A Praça da Liberdade

onde tudo começa

A Praça da Liberdade conta sobre diferentes momentos da história de Belo Horizonte. Inaugurada pouco depois da fundação da cidade, ela foi planejada para ser o centro administrativo da nova capital de Minas Gerais: na cabeceira, o Palácio da Liberdade e, à sua volta, os edifícios onde funcionavam as secretarias de Estado. É que, naquele tempo, ser moderno era reservar para cada coisa o seu devido lugar.

Como era moda na época em que foram construídos, os prédios das secretarias combinam diferentes estilos arquitetônicos. Ecletismo é nome que se dá a essa mistura – que é mais ou menos como usar roupas de banho com galochas.

O Centro Cultural Banco do Brasil em Belo Horizonte

O prédio do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), por exemplo, combina colunas simétricas do neoclássico, vitrais medievais e grades de ferro em formato de folhas e flores, típicas de um estilo chamado art nouveau. O prédio foi projetado para funcionar como Secretaria de Segurança e Assistência Pública, mas, pouco depois de sua inauguração, aconteceu uma mudança de planos, passando a abrigar a Secretaria do Interior e Justiça do Estado de Minas Gerais.

Em sua fachada, ainda podemos encontrar alguns elementos que contam sobre o seu uso original, como cabeças de leão acima das portas, simbolizando força, proteção e poder, ou grãos de café em relevo, que remetem a essa que foi uma atividade fundamental para a economia do estado.

Ao entrar no saguão do CCBB BH, se autorizamos nossos olhos a subirem a escadaria antes de nossas pernas, encontramos lá no alto um grande vitral. Essa técnica de pintura em vidro foi muito utilizada para contar histórias bíblicas durante a Idade Média, quando a maior parte da população não sabia ler. Mas se, em outros tempos, os raios de sol que atravessam o vitral poderiam ser percebidos como uma luz divina, no início do século XX, quando o prédio foi construído, eles simbolizavam a luz da razão.

Outra diferença: no lugar de personagens bíblicos, o vitral traz Dikè, deusa grega que simboliza a justiça. Filha de Zeus, ela mantém seus olhos bem abertos e está pronta para cravar impetuosamente sua espada no coração dos injustos que se arriscam a subir a escadaria.

Gradis, colunas, vitrais... Apesar de esses elementos serem retirados de estilos tão diferentes, eles possuem algo em comum: todos fazem parte de tradições estéticas europeias. É que o Brasil havia deixado de ser colônia de Portugal, e a elite brasileira queria parecer avançada, pensando que, para isso, melhor seria imitar a cultura europeia. Ser moderno naquela época era também sinônimo de ser europeu.

Grãos de café e cabeças de leão foram alguns dos elementos escolhidos para ornamentar o edifício que hoje abriga o CCBB Belo Horizonte.

Que bicho ou planta você escolheria para enfeitar a porta da sua casa? E que elementos você e a sua turma escolheriam para enfeitar a entrada da sala de aula?



26 PESSOAS

SALÃO NOBRE: DETALHES E VISÃO GERAL / VAGNER COSTA

0 segundo andar: *as salas patrimoniais*

Depois de passar pelo crivo de Diké, aqueles que conseguem chegar ao segundo nível do edifício encontram nesse andar a sala do secretário e o salão nobre, lugares em que foram tomadas decisões importantes para a cidade de Belo Horizonte e o estado de Minas Gerais. Ali, tudo é ostentação e seriedade: móveis em madeiras pesadas, cadeiras forradas em couro, cores sóbrias, lustres luxuosos e tetos ornamentados.

Perto da porta de entrada do salão, podemos encontrar um busto em metal encomendado a Benevenuto Berna, um escultor muito próximo das elites governantes. Para se ter uma ideia, após se formar, Berna recebeu uma quantia mensal do Imperador Dom Pedro II como incentivo. Pois bem, essa proximidade garantiu ao escultor muitos trabalhos que tinham por finalidade homenagear políticos e construir uma ideia de país.

Aqui, o homenageado é Olegário Maciel, que foi eleito governador de Minas Gerais em 1930, mesmo ano de inauguração do prédio que hoje abriga o CCBB. Esse tipo de escultura é considerado um monumento, mas se engana quem pensa que ele conta fielmente a história. Como apenas a elite tinha condições financeiras para encomendar esse tipo de trabalho, os monumentos quase sempre contam a versão dos fatos compartilhada por esse grupo, o que muitas vezes significa transformar governantes em heróis.

E você? Se pudesse encomendar uma estátua, quem você homenagearia?



EDIFÍCIO NIEMEYER / PAULO ANDRADE



EDIFÍCIO RAINHA DA SUCATA / SUDHERTZEN

Outras formas de *pensar e construir*

Com o tempo, os prédios dos primeiros anos da cidade passaram a dividir espaço com outros, construídos depois. Assim como as crianças, que a cada ano sentem as roupas e os sapatos ficando apertados, as cidades também crescem e se transformam.

Na metade da década de 1950, Belo Horizonte já não cabia mais dentro do plano inicial, surgindo ruas e bairros fora da avenida do Contorno, planejada para ser o limite da cidade. E até mesmo algumas ideias, que pareciam moderníssimas na época de sua inauguração, já não serviam mais.

Foi então que Juscelino Kubitschek, o prefeito de Belo Horizonte naquele tempo, convidou o jovem arquiteto Oscar Niemeyer para projetar algumas construções que representassem o novo espírito de Beagá.

Desde criança, Oscar desenhava com os dedos no ar. Nos seus desenhos, preferia usar curvas que lembravam as montanhas e o curso dos rios no lugar das linhas retas e duras.

Foi com essas ideias na cabeça (e na ponta do lápis) que ele desenhou o edifício residencial com contornos arredondados que leva seu nome e está localizado ao lado do CCBB. Na metade do século XX, ser moderno era ser brasileiro e criar livremente com as formas.

Cerca de trinta anos depois do edifício Niemeyer, surgiu na Praça da Liberdade uma construção com cores fortes e chapas de metal enferrujadas, que ganhou o apelido de Rainha da Sucata. Enquanto algumas pessoas torcem o nariz, pensando que ele destoa muito dos edifícios mais imponentes da Praça, outras argumentam que ele repete alguns elementos das construções vizinhas e se divertem com as traquinagens do projeto. De todo modo, a Rainha da Sucata propõe outra forma de pensar sobre o patrimônio.

Dentro da sala do secretário do CCBB Belo Horizonte, a janela do banheiro oferece uma vista muito bonita do edifício Niemeyer. Que tal tirar uma fotografia através dessa janela?



A praça e o CCBB hoje

Desde 2013, as secretarias de Estado foram transferidas para um lugar chamado Cidade Administrativa, e os prédios da Praça se tornaram museus e centros culturais. Após um processo de restauração de três dos sete andares do prédio, buscando manter e resgatar suas características originais, a Secretaria de Interior e Justiça deu lugar ao Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte.

Com isso, o edifício passou a permitir o acesso do público a seus ambientes internos, transformando-se em um espaço de reflexão sobre os modos de ver e pensar o nosso patrimônio. Além disso, o CCBB oferece uma variada programação de exposições de arte, espetáculos de dança, música, teatro, palestras e cursos para pessoas de todas as idades. Parte dessa programação pode ser acessada em livros, catálogos, atividades, webinários e visitas virtuais disponíveis também no ambiente digital.

Além do CCBB de Belo Horizonte, existem Centros Culturais Banco do Brasil em outras três cidades: Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Todos eles funcionam em edifícios de grande valor patrimonial, atualmente ocupados por espaços como galerias de exposições de arte, teatros, ateliês e arquivos. O CCBB também apoia e realiza produções artísticas, promove a circulação dessas produções e oferece uma ampla programação virtual no site ccbb.com.br.

Agora que você já conhece melhor o prédio, a história e o funcionamento do CCBB Belo Horizonte, que tal apresentá-lo a alguém que ainda não o conhece?

Quem você convidaria para uma visita ao CCBB BH?



O patrimônio de Belo Horizonte

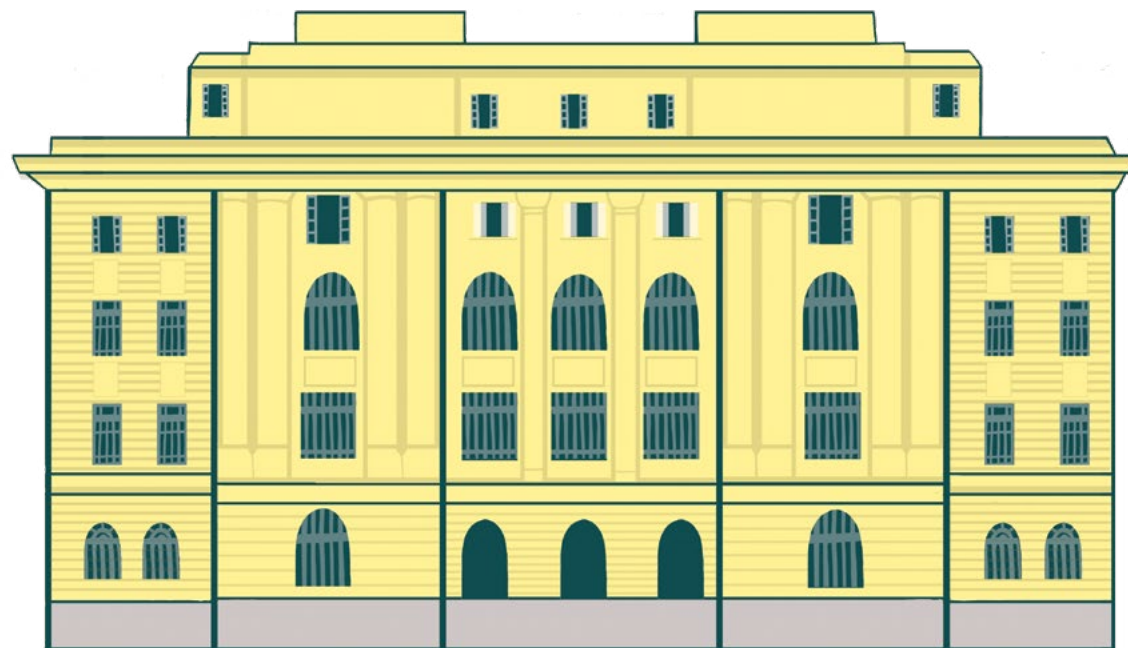
O CCBB

e o patrimônio de Belo Horizonte

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) faz parte do patrimônio cultural de Belo Horizonte, já que ele é fruto do trabalho de pessoas que projetaram e construíram o prédio, inscrevendo nele valores estéticos e um ideal de cidade e de sociedade. Também participaram desse processo as pessoas que pensaram e ainda pensam sobre os diferentes usos do prédio ao longo do tempo.

O CCBB também faz parte do patrimônio material da cidade, já que se trata de um prédio tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), ou seja, um edifício escolhido para ser preservado por ser considerado representativo de uma parte de nossa história. Por conta disso, podemos dizer que o edifício é um bem cultural de Belo Horizonte e também do país.

Além do CCBB, existem muitos outros bens culturais na cidade: materiais, imateriais, culturais ou naturais. Vários são tombados e muitos outros ainda serão. Neste livreto, apresentamos alguns desses bens que nos ajudam a pensar sobre quem somos.



Engrenagens e máquinas de construir: *o Presépio do Pípiripau*

Belo Horizonte ainda nem tinha sido inaugurada quando aqui chegou o menino Raimundo Azevedo (1894-1988) e sua família. Tudo era um grande canteiro de obras por onde circulavam transportes movidos à tração animal, levantando poeira para todo lado. Com o passar dos anos, o menino testemunhou máquinas erguendo prédios, carros substituindo carroças e a chegada do cinema, grande novidade da época.

Encantado por presépios e maquinarias, o menino Raimundo reuniu essas paixões em um só brinquedo: a fabricação de um presépio com movimentos. Como sua família era pobre e não tinha dinheiro para comprar materiais, ele utilizou papel machê e toda sorte de coisas esquecidas por aí: bolinha de gude, chave, bateria de carro, barbante, mecanismo de relógio...

Quando cresceu, Raimundo se tornou mecânico com experiência em máquinas a vapor. Ele se orgulhava de ter trabalhado na construção de um trilho que transportou o Pirulito da Praça Sete até o local onde ele se encontra hoje. O conhecimento adquirido com a profissão foi fundamental para aprimorar a maquinaria do Presépio, que a essa altura já ocupava um quarto inteiro de sua casa.

Só em 1988, com o falecimento do senhor Raimundo, é que a construção do Presépio do Pípiripau foi interrompida. O que começou como um brinquedo de menino, hoje faz parte do patrimônio de Belo Horizonte, mostrando a importância de guardarmos na memória não apenas os grandes monumentos e as obras de arquitetos famosos, mas também aquilo que é construído pelas crianças e por homens e mulheres comuns.

Com quase 600 personagens móveis que habitam cenas da cidade e da vida de Jesus Cristo, o Presépio do Pípiripau faz parte do patrimônio material e cultural da cidade e está guardado dentro do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

E você? Se pudesse guardar um brinquedo para contar a história da sua infância, qual brinquedo seria?



Uma cidade moderna: *o complexo arquitetônico da Pampulha*

Na metade do século XX, Belo Horizonte já era bem diferente daquela que o menino Raimundo conheceu. A população crescia, surgiam ruas e bairros fora do plano inicial da cidade e muitas ideias novas subiam e desciam as ladeiras da cidade.

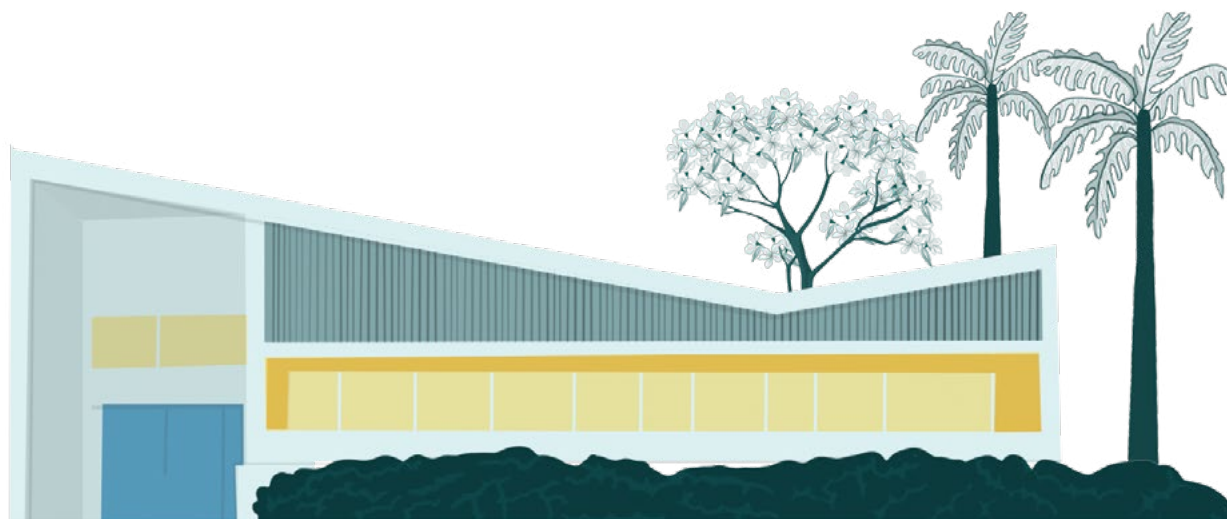
O prefeito de Beagá naquele tempo, Juscelino Kubitschek, tinha ouvido falar de um jovem arquiteto chamado Oscar Niemeyer, que tinha ideias bem ousadas sobre construções. Por isso, Kubitschek o convidou para projetar alguns prédios que representassem o novo espírito de Belo Horizonte. Um desses prédios foi aquele que leva o nome do arquiteto e fica ao lado do CCBH BH. Além dele, Niemeyer também projetou a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e muitas edificações na região da Pampulha: a Igreja de São Francisco de Assis, a Casa do Baile, o Iate Tênis Clube, o Museu da Pampulha e a Casa Kubitschek.

O arquiteto acreditava que os prédios deveriam causar espanto. Vai ver por isso suas obras encantaram artistas e deixaram os conservadores de cabelo em pé. Na Igreja de São Francisco de Assis, por exemplo, foi proibida a realização de missas por quatorze anos! Isso porque a Igrejinha, como é carinhosamente chamada, é muito diferente das igrejas tradicionais, como aquelas que encontramos nas cidades históricas de Minas Gerais. Suas formas curvas lembram uma montanha, seu altar abriga um mural com a imagem de São Francisco de Assis bem magrinho, junto a um lobo. O painel é de um artista modernista brasileiro chamado Cândido Portinari, que, aliás, também é o autor dos azulejos azuis e brancos que revestem toda a Igreja. Contam que a opinião dos conservadores sobre a obra de Portinari só mudou quando João XXIII, que era o papa daquela época, quis expor uma obra do artista no Vaticano.

Niemeyer buscava inventar uma arquitetura que pudesse ser chamada de brasileira. No lugar do telhado colonial, por exemplo, que parece um acento circunflexo e faz a água da chuva cair pelos dois lados, ele utilizou em alguns de seus projetos o telhado invertido, que parece as asas de uma borboleta e centraliza o curso das águas da chuva.

Em 2016, o Complexo Arquitetônico da Pampulha, que já fazia parte do patrimônio cultural e material da cidade, foi também tombado como patrimônio da humanidade.

Quando pensamos uma casa, no geral temos em mente uma casinha com telhado colonial e chaminé, por onde sai fumaça. Como nos contos de fadas, podemos também imaginar uma macieira, árvore que não é muito comum no nosso país. Agora é sua vez: como Niemeyer, experimente desenhar uma casa brasileira.



Patrimônio de quem?

As comunidades quilombolas

Se o patrimônio de uma cidade é aquilo que fica guardado para contar a nossa história, quem será que escolhe o que será preservado? Por muito tempo, essa seleção foi feita unicamente de acordo com o pensamento dos governantes, das autoridades e da população mais rica e influente de Belo Horizonte. O resultado foi que a história da cidade vinha sendo contada apenas do ponto de vista desse grupo, deixando muita gente de fora.

Depois de muito debate e resistência dos grupos excluídos, essa situação começou a mudar, e Belo Horizonte reconheceu três comunidades quilombolas como parte do patrimônio cultural imaterial da cidade: a Comunidade de Manzo Ngunzo Kaiango, a Mangueiras e a Luizes.

Quilombolas são grupos que possuem uma cultura – um jeito de pensar, falar, sentir e agir – herdada de seus ancestrais negros africanos, escravizados no Brasil. São populações que há muito tempo lutam para que seus costumes, terras, crenças e festas sejam reconhecidos.

Ao conferir o título de patrimônio cultural às comunidades de Manzo Ngunzo Kaiango, Mangueiras e Luizes, Belo Horizonte reconhece o valor das comunidades quilombolas para a cidade, pois algumas delas já viviam em seus territórios antes mesmo do planejamento e da construção da capital de Minas Gerais.

Como seria o patrimônio da humanidade, se os tombamentos fossem decididos pelas crianças?



Riquezas naturais: *um abraço de montanha*

Há tantas riquezas em Belo Horizonte, que nem cabem neste livreto. Mas não podemos deixar de lembrar o patrimônio natural que abraça as avenidas largas e as ruelas, as missas de domingo de manhã e as partidas entre Cruzeiro e Atlético no Mineirão, os campeonatos de carrinhos de rolimã e os festivais de pipas e papagaios.

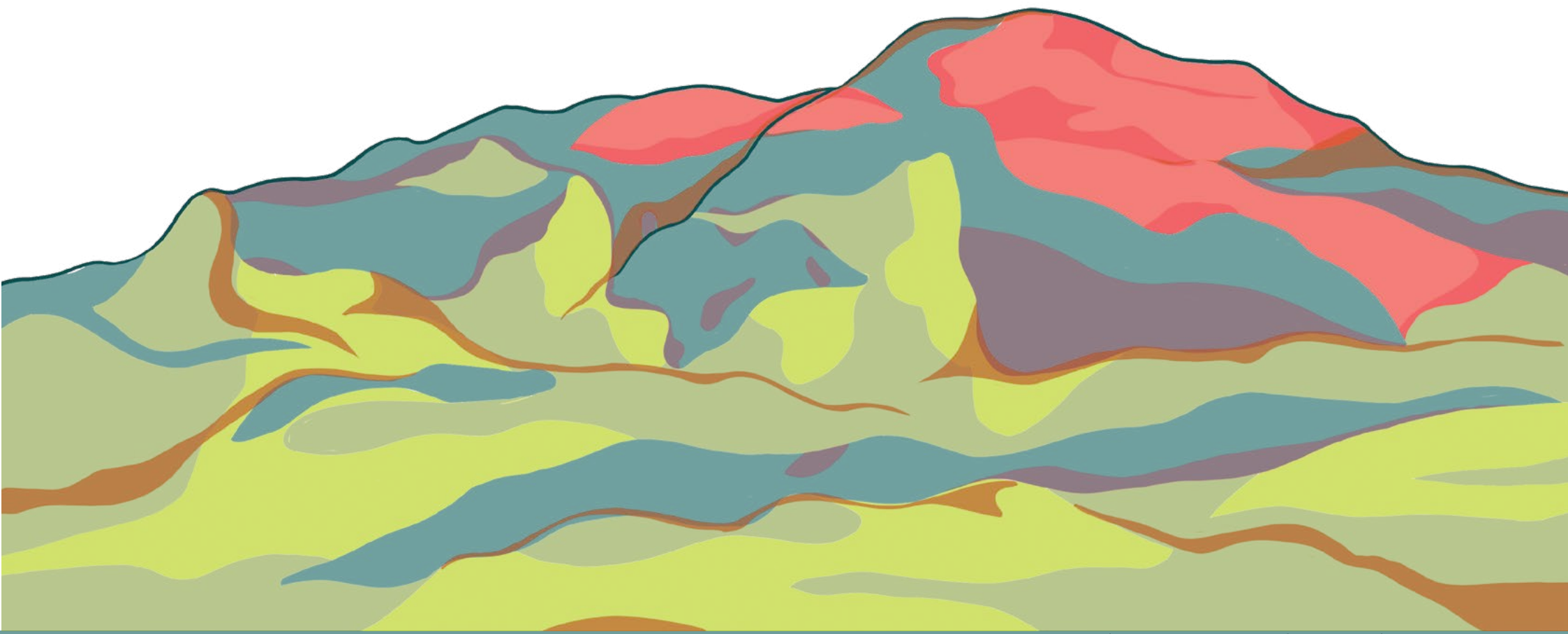
Estamos falando da Serra do Curral, um conjunto de morros que protegem os belo-horizontinos dos ventos frios que sopram do sul e dos ventos quentes que chegam do norte. A Serra é habitat de centenas de espécies vegetais e animais. De lá, brotam mais de dez cursos d'água que formam a Bacia do Rio das Velhas, responsável pelo abastecimento de Belo Horizonte.

Eleita símbolo da cidade pela população belo-horizontina, a Serra do Curral foi tombada em 1960, mas mesmo sendo uma área de preservação ambiental, ela tem sido frequentemente ameaçada pela ação de indústrias mineradoras.

Além de sofrer pela exploração do minério, a partir da década de 1970, a relação da Serra com os belo-horizontinos também passou a ser ameaçada pela construção de prédios cada vez mais altos em um processo chamado de verticalização.

Na época da fundação de Belo Horizonte, a Serra do Curral podia ser vista a partir de qualquer ponto da cidade. Hoje em dia, por outro lado, é preciso ter olhos atentos para encontrá-la em meio à paisagem. Pensando nisso, a prefeitura da cidade elegeu doze vistas para a serra que não podem ser tampadas, como: a visada a partir da Avenida Afonso Pena, a visada a partir da Praça da Liberdade (na avenida Cristóvão Colombo) e da Avenida Raja Gabaglia.

E você? O que guardaria para contar a história da sua cidade?





Mas peraí... o que é patrimônio?

Patrimônio

*são as riquezas que a gente recebe dos
nossos antepassados.*

*Essas riquezas podem pertencer
a uma pessoa,
a uma escola,
a uma cidade,
a um país*

*e até mesmo
à humanidade*



*Uma árvore,
uma cadeira,
um documento antigo,
um prédio,
uma estátua*

*e outras coisas que a gente
pode pegar fazem parte do*

Patrimônio Material.

*Já um jeito de badalar os sinos da igreja,
uma música de carnaval,
uma lenda ou
uma parlenda*

fazem parte do

Patrimônio Imaterial.



*Se é formado por
prédios,
cemitérios,
igrejas,
quadros,
esculturas,
ferramentas
e outras coisas que o homem
criou, então leva o nome de*

Patrimônio Cultural.



*Mas se é composto por
sítios da natureza e
pelas espécies que vivem neles, então é um*

Patrimônio Natural.

*O patrimônio de uma cidade
é tudo aquilo que a população decide
guardar para contar a história de
seus habitantes.*

*Por isso, é importante
protegê-lo,
ouvi-lo e até...
conversar com ele.*



Muitas instituições trabalham para proteger o patrimônio:

*a **Unesco** protege o patrimônio da humanidade,*

*o **IPHAN** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico) cuida do patrimônio brasileiro*

e cada cidade possui um órgão que protege o patrimônio municipal.



Mas esses tesouros do passado também são protegidos por cada pessoa que se lembra deles.

E é para isso que criamos este material que você tem nas mãos.

Este é um mapa que traz informações sobre parte do patrimônio da sua cidade.

No livreto, você encontrará informações sobre esses tesouros e atividades que podem tornar a visita a esses pontos muito mais divertida.

Agora ***é com você***

Para fazer este exercício, você pode usar um atlas, o Google Maps ou ainda imprimir o mapa apresentado na próxima página deste material.

Depois de preparar o mapa, siga as instruções ao lado e acrescente suas memórias à cidade.

- 01 – Eu moro aqui
- 02 – Adoro este lugar
- 03 – Aqui existe um ipê
- 04 – Bom lugar para fazer um piquenique
- 05 – Gostaria de voltar aqui
- 06 – Lugar com muitos cheiros
- 07 – Este lugar me dá medo
- 08 – Seria bom plantar mais árvores aqui
- 09 – Tenho vontade de conhecer
- 10 – Se eu trabalhasse no IPHAN, tombaria este lugar
- 11 – Lugar que faz parte da história da minha família
- 12 – Aqui escuto passarinhos



1. Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte
2. Serra do Curral
3. Rainha da Sucata
4. Pirulito da Praça Sete
5. Comunidades Quilombolas (Mango Nguruzo Karankó, Mangueiras e Luízes)
6. Presépio do Pipiripau
7. Igreja São Francisco de Assis
8. Museu de Arte da Pampulha
9. Casa do Baile

Centro Cultural Banco do Brasil

Praça da Liberdade, 450 Funcionários – Belo Horizonte – MG

Informações: (31) 3431-9400

Alvará de localização e funcionamento N° 2018016911

Data de validade: 20/08/2023

ccb.com.br | ccbeducativo.com

[f/ccbbbh](https://www.facebook.com/ccbbbh) [@ccbb_bh](https://www.instagram.com/ccbb_bh) [@ccbbbh](https://www.instagram.com/ccbbbh)

L Livre para todos os públicos

Centro de Atendimento BB

4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC

0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800 729 0088

Ouvidoria

0800 729 5678

Programa CCBB Educativo

Arte & Educação:

Coordenação Geral/Artística

Francisca Caporali

Samantha Moreira

Coordenação de Programação

Mateus Mesquita

Coordenação Pedagógica, Acesso e

Participação

Valquíria Prates

Coordenação de Comunicação

Sarah Matos

Coordenação de Design

Gabriel Figueiredo

Design

Marcio Gabrich

Assistente de Design

Artur Souza

Coordenação Editorial

Daniel Toledo

Produção Executiva

Alexandra Duarte

Ateliê Aberto

Produção

Mariana Takamatsu

Assistente de Produção

Camila Santos

Isabel Falabella

Assistente Financeiro

Gustavo Carvalho

Francescole Oliveira

Assistente de Departamento Pessoal

Eduardo Pereira

Coordenação Técnica

VFBH Produções

Coordenação Pedagógica

Milton Lira (BH)

Pompea Tavares (RJ)

Tatiana Duarte (DF)

Valéria Chagas (SP)

Educadores

Ana Amélia Rossiter (RJ)

Ana Luísa Nunes (SP)

Dariana Resende (DF)

Dyego Machado (BH)

Geancarlos Barbosa (RJ)

Giovanni Fernandes (SP)

Isabelle Santos da Silva (SP)

Jéssica Cruz (BH)

Julya Primo (DF)

Lucas Sertifa (DF)

Pedro Ton (BH)

Phelipe Rezende (RJ)

Thainá Nunes (RJ)

Assessoria Jurídica

Oliveira Lima S.I. Advocacia

Assessoria de Imprensa

A Dois Comunicação (RJ)

Agência Fervo (SP)

Conteúdo Comunicação (DF)

Doizum Comunicações (BH)

Convite à Ativação Patrimônio e Memória

Cauê Donato

Cibele Carvalho

Daniel Toledo

Francisca Caporali

Gabriel Figueiredo

João Andrade

Livia Arnaut

Mateus Mesquita

Pompea Tavares

Samantha Moreira

Tatiana Duarte

Valquíria Prates



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

